

CARNAVAL E MOVIMENTOS SOCIAIS: A UTOPIA DA IGUALDADE E DA JUSTIÇA SOCIAL¹

*Roque Hammes ***

*Inácio Helfer ****

Resumo

No presente artigo, procura-se aprofundar as lições que os Movimentos Sociais podem aprender do Carnaval. Parte-se da convicção de que Carnaval e Movimentos Sociais têm muitas coisas em comum, uma vez que ambos alimentam a utopia da igualdade e da justiça social. A partir dessa convicção, analisa-se o carnaval como a festa mais popular do Brasil. Destaca-se a importância que a festa tem na vida do povo, ajudando-o a superar as dificuldades da vida do dia-a-dia. Olha-se para os Movimentos Sociais, concluindo-se que sua base motora é a utopia. Diante disso, se conclui: a forma de como o carnaval alimenta a utopia, pode inspirar os Movimentos Sociais em sua luta por uma sociedade justa e igualitária.

Palavras-chave: Carnaval, Movimentos Sociais, Utopia, Festa, Igualdade.

Abstract

This article seeks to deepen the lessons which Social Movements may learn from Carnival. We depart from the conviction that Carnival and Social Movements have a great deal in common, once both feed a freedom and social justice utopia. Based on this belief, it analyzes Carnival as the most popular celebration in Brazil. It highlights its importance for the Brazilian people to whom

¹ Artigo escrito para a Disciplina *Espaço Social*, ministrada pela professora Heleniza Ávila Campos, dentro do Curso de Pós-graduação, Mestrado em Desenvolvimento Regional.

** Roque Hammes é formado em filosofia pela Universidade de Caxias do Sul, especializado em Planejamento Pastoral pela Universidade Javeriana de Bogotá, especializado em Educação Popular pela Unsinos de São Leopoldo. Cursou teologia pela PUC de Porto Alegre e atualmente está integrado no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

*** Professor no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/Mestrado (UNISC) e no Departamento de Ciências Humanas da UNISC.

Carnival is but a remedy which helps them overcome their everyday difficulties. As a result, we verify that the Social Movements are fueled by utopia and how Carnival itself feeds this utopia, in this way inspiring the former in their fight for a more just and egalitarian society.

Keywords: Carnival, Social Movements, Utopia, Feast, Equality.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, militantes dos Movimentos Sociais alimentaram a idéia de que Carnaval e Movimentos Sociais se opunham um ao outro assim como o óleo se opõe à água. Enquanto Movimentos Sociais significavam luta, Carnaval significava festa. Enquanto Movimentos Sociais significavam conscientização, Carnaval era sinônimo de alienação. Enquanto os participantes dos Movimentos Sociais eram “metódicos e introspectivos”, os carnavalescos eram alegres e faceiros. Quem participava dos Movimentos Sociais era tachado de “esquerdista”, e quem patrocinava o Carnaval era visto como “direitista”. Para expressar tudo isso, no dia de Carnaval, os militantes dos Movimentos Sociais eram convidados a participarem da “Romaria da Terra²”, ou de algum encontro de reflexão, para não entrarem na “festa dos alienados”.

A compreensão do Carnaval começou a mudar a partir da popularização dos estudos de autores como Roberto DaMatta e Mikhail Bakhtin, entre outros. Ao estudarem com mais profundidade o Carnaval, eles perceberam uma profunda utopia presente na festa: a utopia de uma sociedade sem as tradicionais diferenças entre “nobres e pobres”. Chamaram a atenção da sociedade para a importância que tem para “os marginalizados das periferias urbanas” poderem ocupar a “avenida do samba” e serem aplaudidos por aqueles que normalmente ocupavam posições superiores na sociedade. Aquilo que aparentemente era uma grande alienação, começou a ser visto como a manifestação de um grande desejo de mudança social.

Seguindo a classificação de DaMatta (1997, p. 90 et seq.), tanto o carnaval como os Movimentos Sociais têm como espaço de realização não a CASA (lugar do controle e do privado), mas sim a RUA (lugar do descontrole e do público). Os dois alimentam a utopia de um OUTRO MUNDO, diferente daquele que está aí. E é por isso que Carnaval e Movimentos Sociais se inter-relacionam.

² A Romaria da Terra é organizada pela Comissão Pastoral da Terra, ligada à Igreja Católica. Acontece sempre no dia de Carnaval. A primeira Romaria foi realizada em 1977, em Bagé. Reúne entre 20 a 50 mil pessoas. A grande motivação é o grito do índio Sepé Tiaraju, diante do invasor espanhol: “Esta terra tem dono!”

1 A UTOPIA DA FESTA

No seu dia-a-dia, as pessoas se encontram numa sociedade estratificada em classes sociais, onde a grande maioria deve se curvar diante de uns poucos que detêm o poder, mandam e exigem respeito. Para aquelas pessoas que estão à margem do poder, restam duas alternativas: associar-se a um padrinho poderoso que “vai dar um jeitinho” de salvar o afilhado das encrencas, ou, então, conformar-se com a dura aplicação da lei, que, mesmo sendo regida por princípios universais, vale somente para quem não tem como usar o argumento do “sabe com quem está falando?” (DaMatta, 1997, p. 187 et seq.).

No seu dia-a-dia, as pessoas, principalmente aquelas que não têm como se valer do argumento da autoridade, convivem com a violência, a prostituição, as drogas, a exploração, o desemprego, o autoritarismo, a falta de segurança, a marginalização, a destruição da natureza, o machismo, o enfraquecimento das instituições, a desilusão... Para que tudo isso seja suportado, exige-se FESTA. No dizer de Otto Maduro, exige-se a elaboração de *Mapas para a festa*, fazendo “o esforço de reconstruir mentalmente a realidade, com o intuito de nos dirigirmos para o prazeroso e nos afastarmos do que é doloroso” (Maduro, 1994, p. 31).

A festa serve para distensionar e para alimentar o sonho de algo diferente. É ela que dá sentido à vida. A festa

Situa o trabalho no seu devido lugar. Sugere que o trabalho, de tão rendoso que seja, não representa a meta final da vida, mas deve contribuir para a realização da pessoa humana. Precisamos de dias fixos para o lazer, com o fito de lembrar-nos que nem mesmo uma medida astronômica de rentabilidade nacional ou de investimento global seria capaz de proporcionar a salvação ao povo. Em dias de festa deixamos de lado o trabalho e nos entregamos a usanças e momentos tradicionais do convívio humano, sem o que a vida não seria humana (Cox, 1974, p. 13).

É esta a razão de todos os povos terem seus dias de festa. Até mesmo aos escravos africanos no Brasil colônia e no Brasil Império, eram proporcionados dias de festa, como “um espaço de liberdade numa vida de escravidão. O escravo tem que trabalhar para o senhor, mas dança para si” (Hoornaert, 1977, p. 388). Neste contexto,

A festa, com toda a sua exuberância, revela até que ponto o cativo é desumano e finalmente insuportável. Por isso, ela deve ser entendida como sinal e presságio de libertação, enquanto ela é também fruto de uma longa luta contra a opressão dos senhores de engenho e fazenda, que quiseram prender seus cativos ao trabalho mesmo nos dias de festa (Ibidem, p. 389).

Mais do que isso,

O espaço de liberdade criado pelas festas era um perigo constante para o equilíbrio muito instável da vida social nos engenhos e nas fazendas. Podemos, neste contexto, compreender o entusiasmo que o povo brasileiro sempre manifestou e continua manifestando pelas festas: quanto mais duro e desumano o cativo de cada dia, tanto mais exuberante a festa (Ibidem, p. 390).

No dizer de Cox (1974, p. 16), “o homem é, por sua própria natureza, um ser que não só trabalha e pensa, mas canta, dança, reza, conta casos e celebra festas. É ele um *homo festivus*”. Daí que, “sem desfrutar ocasiões autenticamente festivas e sem cultivar sua fantasia, o espírito e a psique do homem se encolhem. Fica sendo um *sub-homem*, um mosquito sem origem nem destino” (Ibidem, p. 19).

Na mesma linha de Cox, Bakhtin (1993, p. 240) diz que “a festa é a categoria primeira e indestrutível da civilização humana”. Ela rompe com o cotidiano da pessoa, sendo “isenta de todo sentido utilitário, fornecendo o meio de entrar temporariamente num universo utópico” (Ibidem, p. 241). Isso, porque, “nos dias festivos, as portas da casa abrem-se de par em par aos convidados (no limite, a todos, ao mundo inteiro); nos dias de festa, tudo se distribui em profusão (alimentos, vestimentas, decoração dos cômodos)” (Ibidem, p. 241).

DaMatta (1997, p. 43 et seq.) classifica as festas em três tipos, a saber:

- *Festas oficiais*: são organizadas pelos poderes públicos. Normalmente estão ligadas a um evento cívico (independência, emancipação política, vitória numa guerra). Tudo é organizado de tal forma que possa transcorrer na mais perfeita ordem. A comunicação se dá por meio de discursos. Tem como característica a confirmação da hierarquia, mantendo as autoridades em palanques oficiais. Existe uma clara separação entre CASA e RUA, sendo que no desfile se ignora tudo aquilo que acontece na intimidade do lar.

- *Festas Religiosas*: são organizadas por pessoas devotas. A motivação é a fé. A forma de comunicação é a reza. Existe uma preocupação em integrar as pessoas, sem eliminar as diferenças. É por isso que as autoridades caminham no meio do povo sem deixarem de ser autoridades. A RUA entra na CASA e a CASA vai para a RUA, através das orações pelas famílias, pelos doentes, idosos, crianças.... As portas e janelas das casas se abrem para acolher a bênção do santo protetor. A oração que normalmente é feita no interior da casa, durante os dias de festa, é feita na rua.

- *Festas populares*: são organizadas pelo povo. Não fazem distinção de classe social, religião, cultura, ideologia política. A comunicação se dá por meio da dança e da música. Caracterizam-se pela inversão da hierarquia e de papéis: os nobres se vestem de palhaços e os pobres se vestem de nobres; os homens se vestem de mulher e as mulheres se vestem

de homem; as crianças se vestem de adultos e os adultos se vestem de criança, os pretos se pintam de branco e os brancos se pintam de preto; os sábios se fazem passar por analfabetos e os analfabetos por sábios; as freiras se vestem de “prostitutas” e as “prostitutas” de freiras. As autoridades estão no meio do povo e não são reconhecidas como tais. A CASA é trazida para a RUA através de gestos e atitudes, normalmente reservadas para o interior da casa (beijar, tirar a roupa, incitar ao ato sexual).

2 A FESTA DO CARNAVAL

A mais importante festa popular do Brasil é, indiscutivelmente, o CARNAVAL. Criticado por uns, exaltado por outros, e, “curtido” pela grande maioria, o Carnaval nos revela a utopia de uma sociedade diferente daquela que vivemos no dia-a-dia. O carnaval nos mostra uma sociedade onde as classes sociais desaparecem, as diferenças raciais não separam, a agonia da luta pela sobrevivência diária cede lugar à alegria da dança, o público se torna privado e o privado se torna público, as pessoas despem a máscara que usam no dia-a-dia para oprimir e passam a usar a máscara que iguala. Pessoas que durante o ano todo são massacradas se transformam no centro de atenção e recebem o aplauso ao “sambarem na avenida”. Pessoas que estão acostumadas a sempre ocuparem o centro das atenções cedem o espaço aos foliões. Em outros termos, o carnaval acena para uma sociedade caracterizada pela participação (todos entram no ritmo), pela abundância (nada se economiza), pela transparência (as pessoas se soltam e revelam o que são) e pela comunhão (as diferenças sociais, raciais, religiosas, e, inclusive, sexuais, desaparecem). É a utopia de uma nova sociedade que se revela no Carnaval e se constrói através da luta dos Movimentos Sociais.

Ao falar do Carnaval na Idade Média, Bakhtin (1993, p. 8) diz que

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto.

No mesmo texto, Bakhtin faz um paralelo das festas oficiais com o carnaval, sendo que, nas primeiras, “as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente”, enquanto que o carnaval era a festa

Em que todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar (Ibidem, p. 9).

Mais adiante, Bakhtin analisa a utopia do Carnaval, destacando que

O carnaval liberava a consciência do domínio da concepção oficial, permitia lançar um olhar novo sobre o mundo; um olhar destituído de medo, de piedade, perfeitamente crítico, mas ao mesmo tempo positivo e não niilista, pois descobria o princípio material e generoso do mundo, o devir e a mudança, a força invencível e o triunfo eterno do novo, a imortalidade do povo (Ibidem, p. 239).

Ao analisar o Carnaval brasileiro, Queiroz (1992, p. 122) diz que

As diferenças desaparecem e reina o conagraçamento e a harmonia. Igualdade total, fraternidade, afeição transbordante são virtudes que se estendem a todas as atividades do Reinado do Momo, destruindo distâncias sócio-econômicas, barreiras étnicas, diferenças de sexo, instalando nas coletividades a concórdia, a amizade, o prazer. Constitui-se assim uma prefiguração da sociedade igualitária e pacífica, com que todos sonham, e sua concretização é patente, embora passageira. Instala-se então um “clima de paz e amor”, transbordante de “alegria e serenidade”. Demonstração, portanto, de que a realização de uma sociedade fraterna e feliz seria inteiramente possível.

É evidente que o Carnaval real não é tão bonito como é mostrado na televisão, ou descrito nos livros, revistas e jornais. Sabemos que existem pessoas que não têm acesso à avenida do samba por não terem condições econômicas para adquirir a sua fantasia. O acesso aos salões é facultado às pessoas que podem pagar a sua entrada. O excessivo consumo de álcool e droga incentiva a violência. Normalmente as escolas com maior poder aquisitivo levam vantagem na hora de disputar o 1º lugar. Os estupros, os roubos, os acidentes de trânsito e a criminalidade aumentam durante os festejos do carnaval.

Apesar de todas essas coisas, ou melhor, deixando de lado esses “senões”, entendemos que a utopia alimentada e experienciada nos dias de Carnaval é bonita, e incentiva a luta por uma sociedade diferente.

3 A LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Falar de Movimentos Sociais significa falar de luta. Não de qualquer luta, mas de uma luta motivada por uma utopia. Esta utopia pode ser muito próxima e concreta, como é o caso dos moradores de uma vila que se reúnem para reivindicar a canalização do esgoto. Pode também ser ampla e pouco visível, como é a luta pela paz entre os povos, tal como propõe a Anistia Internacional. Entre uma e outra, se situa uma infinidade de Movimentos Sociais, dos quais citamos alguns.

- a. A utopia da Casa Própria dá origem aos movimentos pela Moradia e dos Sem-Teto;
- b. A utopia de um melhor salário e melhores condições de vida dá origem às greves de professores, estudantes, caminhoneiros, arroteiros, operários das fumageiras, calçadistas, trabalhadores da construção civil, funcionários públicos, bancários...
- c. A utopia de ter o seu pedaço de terra propicia o surgimento do Movimento dos Sem Terra – MST
- d. A utopia de poder permanecer na terra e sobreviver da agricultura familiar, dá origem ao Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA;
- e. O sonho de melhores preços para seus produtos suscita as mobilizações de agricultores, ervateiros, fumicultores, suinocultores...
- f. A utopia de ser valorizada como Mulher e ter direitos iguais aos dos homens, propicia o surgimento de vários Movimentos de Mulheres;
- g. A utopia de não ser discriminado por causa da cor da pele faz surgir os Movimentos de Consciência Negra;
- h. O sonho de um dia poder ler e escrever motiva muitas pessoas a optarem pelo Movimento de Alfabetização de Adultos – MOVA;
- i. O clamor de muitas pessoas injustiçadas motiva o surgimento do Movimento de Justiça e Direitos Humanos;
- j. A insatisfação com o governo oportunizou o surgimento do Movimento pela Ética na Política, que culminou com o impeachment do presidente Fernando Collor;
- k. O sonho de que chegará o dia em que nenhuma criança, neste Brasil, esteja desnutrida, inspira o Movimento de Ação da Cidadania contra a fome e pela vida, do qual surgem os Comitês contra a fome;
- l. A angústia perante a poluição dos rios e do ar, perante a destruição das matas e o abuso no uso de agrotóxicos, dá origem a diversos movimentos em defesa do Meio Ambiente e pela Ecologia.

Com tudo isso, fica evidente que os Movimentos Sociais são movidos por utopias. No dizer de Ruscheinsky (1999, p. 47) “um movimento social será tanto mais coeso e

consistente quanto mais a utopia for o espaço em que se projeta o desenvolvimento histórico”.

4 A UTOPIA DO CARNAVAL ALIMENTA OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Sem utopia, nenhum Movimento Social se cria. Se é verdade que a vida do dia-a-dia é dura, a pessoa só se motiva a lutar quando começa a sonhar com uma vida diferente. Entra aí a importância de elaborar *Mapas para a festa*, que são “uma espécie de roteiros para tentar achar e abrir caminhos que nos levem de volta à vida feliz, a uma vida que mereça e facilite ser freqüentemente festejada com alegria, prazer e gosto” (Maduro, 1994, p. 13). O sonho da vida pode ser alimentado através da educação, da música, da poesia, da literatura, da arquitetura, da pintura, do cinema, da religião, da festa, da dança...

No Brasil, um dos meios mais populares de alimentar o sonho, é o carnaval. Diferentemente do futebol (o Brasil ainda é conhecido como o país do futebol e do carnaval), onde os atores se restringem a 22 pessoas, no carnaval as escolas de samba e os blocos somam milhares de pessoas que dançam e cantam na avenida. Diferentemente do futebol, ainda, onde os espaços da torcida e dos jogadores estão muito bem definidos, no carnaval todos podem entrar na avenida e seguir os trios elétricos. No dizer de Bakhtin (1993, p. 6),

O carnaval ignora toda distinção entre atores e espectadores. Também ignora o palco (...) Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o *vivem*, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para *todo o povo*. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira *espacial*.

Outro meio de alimentar o sonho é o Movimento Social. “A experiência agilizada através do movimento social torna-se fundamental para que os atores reconstruam sonhos, fantasias, crenças, esperanças e aspirações que povoam o imaginário” (Ruscheinsky, 1999, p. 85). Diferentemente do carnaval, porém, onde os foliões voltam ao trabalho no dia posterior à festa já sonhando com o próximo carnaval, os Movimentos Sociais lutam para que o sonho se transforme em realidade.

O período auge dos Movimentos Sociais, no Brasil, foi o dos primeiros anos da década de 1980. Já no final daquela década, os Movimentos Sociais começaram a perder sua vitalidade. Entre as razões, estava a postura adotada pelos dirigentes dos Movimentos, insistindo com os velhos chavões e as velhas práticas num tempo em que a conjuntura política e social havia se mudado bastante. Alguns indícios dessa prática são:

- Enquanto a democracia estava se instalando no Brasil, os militantes dos Move-

mentos Sociais continuavam com um discurso altamente revolucionário, negando-se a reconhecer os avanços que estavam havendo.

- A crítica frente a tudo o que os Meios de Comunicação Social apresentavam, começou a se mostrar inconsistente.

- O desprezo do belo e prazeroso, taxado de “coisa da burguesia”, fez com que a população evitasse “se envolver” com as lutas dos Movimentos Sociais. Com isso, no dizer de Stam (1993, p. 181) se “joga fora o prazer com a água fria da ideologia”, criando-se “um imenso hiato entre a crítica cultural de esquerda e o povo a que ela pretende servir”.

Neste contexto, vários intelectuais de esquerda se deixam tocar pela afirmação lapidar de Che Guevara: “Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás”. Com isso, se começa a ter uma postura diferente diante das festas e das coisas bonitas da vida. Entre as festas se começa a olhar para o Carnaval, descobrindo-se nele “uma celebração coletiva, ao mesmo tempo sagrada e profana, em que os socialmente marginalizados – os pobres, os negros, os homossexuais – assumem o centro simbólico da vida social” (Stam, 1993, p. 171). Os Movimentos Sociais começam a aprender do Carnaval.

Entre as lições que os Movimentos Sociais aprendem do Carnaval se destacam:

1°. A valorização da festa. Não é verdade que “festa é coisa de burguesia”, uma vez que todas as classes sociais gostam de festa. A juventude somente aderiu em massa ao movimento pelo impeachment de Fernando Collor quando as passeatas se transformaram na festa dos “caras pintadas”. No dizer de Gohn (1997, p. 324), os Movimentos Sociais que prosperam são aqueles que dão espaço às questões da cultura, que incorporam a dimensão subjetiva e mostram preocupação com o tema da felicidade.

2°. Valorização das diferenças. A beleza de uma Escola de Samba está na variedade de suas alas. Assim, no Carnaval de 1999, a Escola de Samba Beija Flor entrou na Avenida com 42 alas. Sem negar a unidade, que é importante em qualquer Movimento Social, é preciso abrir-se ao pluralismo político, social e ideológico.

3°. Valorização do belo. No desfile das Escolas de Samba se destacam as fantasias mais bonitas, os melhores sambas enredo, a melhor Porta Bandeira. Para participar de um Movimento Social não precisa estar mal vestido e nem estar com aparência desleixada. No dizer do carnavalesco Joãozinho Trinta, “o povo ama o luxo; quem gosta de pobreza são os intelectuais”.

4°. Valorização do corpo. No desfile de Carnaval se destacam as mulheres mais bonitas e os sambistas mais ágeis. Os Movimentos Sociais devem dar mais espaço ao cultivo do corpo, assim como já o estão fazendo os movimentos de Consciência Negra, ao ostentarem a camiseta com o dizer: *Negro é bonito*.

5°. Valorização do momento presente. Nos dias de Carnaval desaparece a preocupação com o “dia seguinte”. Os Movimentos Sociais devem partir das coisas simples e concretas. É o que é destacado por Frei Betto (2000), ao insistir com a afirmação de que “é preciso elaborar propostas concretas e viáveis para áreas como abastecimento,

transporte, moradia, saúde, etc. As pessoas precisam visualizar as bandeiras, sentir que são palpáveis e, de certo modo, alcançáveis”

6°. Ser original. Um dos quesitos avaliados nos desfiles das Escolas de Samba é a originalidade. Os Movimentos Sociais devem ser criativos em suas formas de manifestação e reivindicação. Não podem usar sempre os mesmos slogans, as mesmas faixas, os mesmos cantos, as mesmas táticas, o mesmo discurso...

7°. Trabalhar a questão da opinião pública. Nenhuma Escola de Samba sai da Avenida com o troféu de campeã se não conseguir motivar o público a vibrar com ela. Os Movimentos Sociais só obterão êxito se souberem cativar a simpatia do povo.

As motivações que o Carnaval oferece aos Movimentos Sociais são:

1°. Trabalhar por uma sociedade igualitária. Na avenida do samba não se exclui ninguém pelo fato de ser de outra classe social, raça, religião, partido político, sexo... “Toda hierarquia é abolida no mundo do carnaval. Todas as camadas sociais, todas as idades são iguais” (Bakhtin, 1993, p. 219). A utopia igualitária do Carnaval motiva os Movimentos Sociais a lutarem contra a discriminação nos outros 362 dias do ano (o carnaval, normalmente, dura três dias). Também motiva a lutar por uma sociedade sem excluídos.

2°. Lutar contra a opressão. Se no dia-a-dia as pessoas são constantemente reprimidas pela lei do mais forte que se serve da sua posição para oprimir e explorar, nos dias de carnaval “o mundo vira de cabeça para baixo”. A experiência vivida durante aqueles dias, aliada ao sonho de que os que hoje estão sendo oprimidos possam um dia ocupar uma posição central na sociedade, pode servir de motivação para as pessoas participarem dos Movimentos Sociais.

Finalmente, uma das grandes contribuições que o Carnaval dá aos Movimentos Sociais é o aumento da autoconfiança nas pessoas pobres e oprimidas. Desfilar na avenida e receber o aplauso de centenas de espectadores, ajuda à pessoa a criar confiança em si mesmo. A pessoa se dá conta de que “ela é capaz”, e que não tem necessidade de permanecer eternamente curvada diante do seu patrão ou de alguma outra autoridade.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UNB, 1993. 419 p.
- COX, Harvey. *A festa dos foliões: um ensaio teológico sobre festividade e fantasia*. Petrópolis: Vozes, 1974. 174 p.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 350 p.
- FREI BETTO. Desafios do neoliberalismo ao movimento popular. In: *Correio*

Riograndense. Caxias do Sul, 29 de março de 2000, p. 9

- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997. 383 p.
- HOORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 1977. 411 p.
- MADURO, Otto. *Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994. 193 p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992, 225 p.
- RUSCHEINSKY, Aloísio. *Metamorfozes da cidadania: sujeitos sociais, cultura política e institucionalidade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999. 276 p.
- STAM, Robert. Mikhail Bakhtin e a Crítica Cultural de Esquerda. In: KAPLAN, E. Ann (org.) *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993. P. 149-184